



Em um mundo onde o julgamento é imediato, público e muitas vezes implacável — redes sociais, cultura do cancelamento, rótulos — o episódio evangélico da mulher adúltera ressoa com uma força surpreendentemente atual. Não é apenas uma história antiga: é um espelho da nossa condição humana, das nossas misérias... e da infinita misericórdia de Deus.

Este trecho, narrado no Evangelho segundo João (Jo 8,1-11), é um dos encontros mais comoventes entre o pecado humano e o amor divino. Nele se revela não apenas quem é Cristo, mas também quem somos nós quando somos confrontados com a verdade.

1. A cena: uma armadilha, uma mulher e uma multidão pronta para condenar

Imagine a cena: uma mulher é arrastada em público, humilhada, exposta. Não há defesa, não há dignidade, não há nome. Apenas uma acusação: **adultério**.

Os escribas e fariseus não procuram justiça; procuram apanhar Jesus em armadilha. Se Ele absolve a mulher, contradiz a Lei de Moisés; se a condena, trai a sua mensagem de misericórdia.

A lei era clara: o adultério era punido com a morte (cf. Dt 22,22). Mas Jesus não responde imediatamente. Ele se inclina e escreve no chão. Silêncio. Tensão. Espera.

Então pronuncia uma das frases mais revolucionárias da história:

«*Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra contra ela*» (Jo 8,7).

Um a um, dos mais velhos aos mais jovens, todos vão embora.



«Nem Eu te condeno»: a história da mulher adúltera que encontrou misericórdia diante do julgamento | 2

2. O momento decisivo: o encontro com Cristo

Ficam sozinhos: a mulher e Jesus.

Aqui acontece o que realmente importa. Não é o escândalo público, nem a acusação, nem sequer o pecado. É o **encontro pessoal com Cristo**.

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?»

«Ninguém, Senhor.»

«Nem Eu te condeno; vai, e de agora em diante não peques mais»

(Jo 8,10-11).

Estas palavras são o coração do cristianismo.

Não há relativismo. Jesus não diz que o pecado não importa. Ele diz algo muito mais profundo: **não te condeno... mas muda de vida**.

3. Chaves teológicas: justiça e misericórdia não se opõem

a) Cristo não nega a lei, Ele a cumpre

Jesus não contradiz a Lei mosaica. Ele a leva à sua plenitude. A lei apontava o pecado; Cristo oferece a redenção.

A cena revela uma verdade central:

□ **Deus não ignora o pecado, mas também não abandona o pecador.**

Na teologia católica tradicional, isso é fundamental:

- Justiça sem misericórdia esmaga.
- Misericórdia sem verdade engana.
- Cristo une perfeitamente ambas.



b) Todos nós somos essa mulher

A tradição espiritual viu nesta mulher uma imagem de toda alma humana.

Porque, no fundo:

- Todos nós falhamos.
- Todos fomos incoerentes.
- Todos precisamos de perdão.

Como recorda o mesmo capítulo de João:

▮ *«Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado» (Jo 8,34).*

A diferença não está entre “bons” e “maus”, mas entre:

- aqueles que reconhecem o seu pecado
 - e aqueles que se julgam justos
-

c) O julgamento humano vs. o olhar de Deus

Os fariseus olham para o pecado.
Jesus olha para a pessoa.

Os fariseus rotulam.
Jesus restaura.

Os fariseus expõem.
Jesus protege.

Aqui há uma lição fundamental para hoje:

▮ **Deus não reduz a tua identidade ao teu pior erro.**



d) «Não peques mais»: a exigência da conversão

Este ponto é crucial e muitas vezes esquecido.

Jesus perdoa... mas também exige.

Não existe misericórdia barata. Não existe “tudo é permitido”.
A graça é gratuita, mas transforma.

Do ponto de vista da teologia católica:

- O perdão implica **arrependimento**
 - O encontro com Cristo implica **conversão**
 - A misericórdia implica **uma vida nova**
-

4. Aplicação atual: o que este trecho nos diz hoje?

Este episódio é profundamente atual, mais do que parece.

1. A cultura do julgamento continua viva

Hoje não atiramos pedras físicas, mas atiramos:

- críticas
- cancelamentos
- desprezo público
- julgamentos sem contexto

Este trecho nos interpela diretamente:

□ Antes de apontar... olha para ti mesmo.



«Nem Eu te condeno»: a história da mulher adúltera que encontrou misericórdia diante do julgamento | 5

2. A tentação do duplo padrão

É impressionante que na cena apareça apenas a mulher.
Onde está o homem?

Isso revela algo profundamente humano:
□ julgamos de forma seletiva.

Cristo desmonta essa hipocrisia por dentro.

3. A necessidade de experimentar a misericórdia

Muitos hoje vivem presos em:

- culpa
- vergonha
- o seu passado

Este Evangelho diz algo libertador:

□ **A tua história não termina no teu pecado.**

Cristo não apenas perdoa: Ele **reconstrói**.

4. O chamado a ser instrumentos de misericórdia

O cristão não apenas recebe misericórdia; é chamado a oferecê-la.

Isso implica:

- não humilhar quem cai
- acompanhar processos
- corrigir com caridade
- evitar julgamentos destrutivos



5. Guia prático: viver este Evangelho no dia a dia

Aqui está uma aplicação concreta, pastoral e realista:

☐ 1. Faz um exame de consciência antes de julgar

Antes de criticar, pergunta-te:

- Eu nunca falhei nisso?
 - Com que autoridade moral eu falo?
-

☐ 2. Aprende a distinguir entre pessoa e pecado

- O pecado é rejeitado
 - A pessoa é amada
-

☐ 3. Pratica o perdão ativo

Não apenas “não condenar”, mas também:

- compreender
 - acompanhar
 - ajudar a levantar
-

☐ 4. Aproxima-te do sacramento da confissão

Este trecho é uma imagem viva do que acontece em cada confissão:

- és acusado... mas também absolvido
- és culpado... mas amado



□ 5. Vive em conversão constante

Cristo também te diz hoje:

□ «Vai, e não peques mais»

Não como condenação, mas como caminho de liberdade.

6. Conclusão: entre a pedra e a graça

Nesta história há duas opções:

- viver atirando pedras
- ou deixar-se transformar pela graça

Todos nós, em algum momento, fomos:

- acusadores
- acusados

Mas apenas um, naquela cena, tinha o direito de condenar...
e escolheu perdoar.

Esse é Cristo.

E esse é o coração do Evangelho:

□ **Deus não veio para destruir o pecador, mas para salvá-lo.**